

NACIONALISMO

ESTA surgindo por aí uma tese marota que jornais da responsabilidade de «O Globo» e «O Estado de São Paulo» parecem perfilhar: a de que os resultados do último pleito foram uma derrota dos nacionalistas.

Onde isso, como e por que? Não me consta que o sr. Lutero Vargas seja mais nacionalista que o sr. Afonso Arinos, nem o sr. Carvalho Pinto menos que o sr. Ademir de Barros, ou o sr. Brizzola menos que o sr. Peracchi, ou o sr. Juraçá menos que qualquer de seus dois adversários. Um dos grandes derrotados desse pleito foi, evidentemente, o Partido Comunista, que sofre um processo de franca desagregação. O fato de terem os comunistas empunhado a bandeira nacionalista não quer dizer, entretanto, que a causa nacionalista lhes pertença. Esta é apenas a cantiga que canta o capitão Prestes; canta, mas não entoa.

O nacionalismo brasileiro repousa principalmente na indústria e no Exército, porque essas duas forças estão em posição de sentir melhor as necessidades do desenvolvimento nacional tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista de nossa defesa. Identificar essa causa nacionalista com a demagogia de alguns políticos — um estancieiro arvorado em líder proletário ou um velho comuna teleguiado — é não compreender que se trata de um movimento não apenas sério como também necessário. E não vejo porque o resultado dessas eleições tenha enfraquecido a causa nacionalista.

O sr. Júlio Mesquita Filho chega a manifestar esperança de que agora acabe o monopólio da Petrobrás. Não duvido da sinceridade e da boa fé com que se bate por outras soluções, mas acho que ele está vendo apenas o que deseja ver. Nem por coincidência suas declarações apareçam no mesmo dia em que a Petrobrás informa a descoberta de novo lençol no Recôncavo baiano.

O que ocorre é que os nacionalistas não podem ficar na defensiva. Eles precisam fazer um esforço urgente de esclarecimento popular não apenas em torno da Petrobrás mas também sobre os favores que a lei atual dá a industriais estrangeiros contra nacionais, os inconvenientes dos bancos estrangeiros de depósitos, a drenagem excessiva de capital através de «royalties» e as manobras da fiança internacional em vários outros campos, inclusive o de serviços públicos. O estudo e a formulação desses problemas em bases sérias, sem demagogia, é que deve ser levado ao conhecimento do povo, porque esses temas podem ser decisivos na próxima e muito mais importante luta eleitoral. Entre a xenofobia e a demagogia, de um lado, e o entreguismo desavisado ou cínico de outro, há um largo território nacionalista onde os melhores esforços podem se conjugar. Quem não quiser compreender isso está sujeito a desagradáveis surpresas.